

QUEM SE BENEFICIA COM A DESTRUIÇÃO DA AMAZÔNIA?



É possível produzir na Amazônia sem devastá-la. Sim, basta ter vontade política.

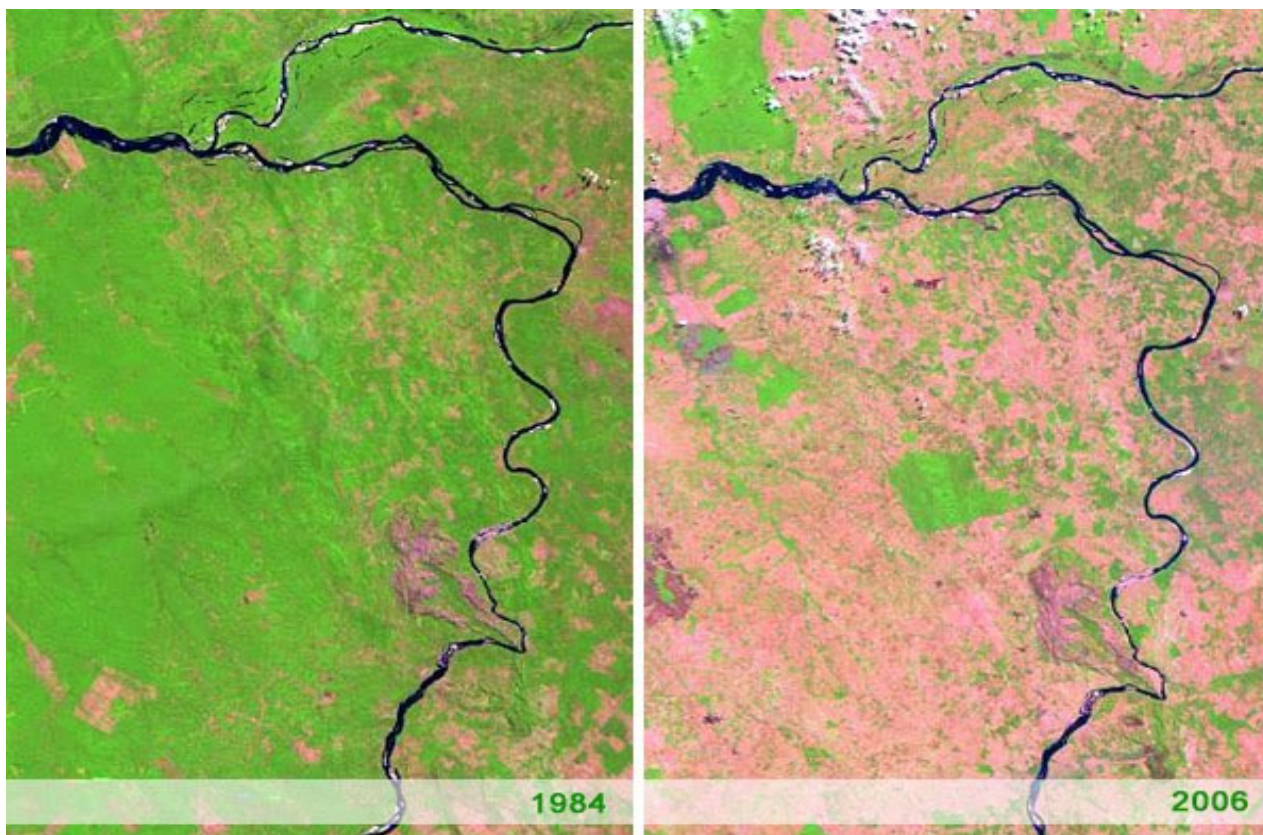


Foto de satélite mostra a devastação ocorrida na região de Marabá (PA) entre 1984 e 2006. O município, onde ficam as guseiras paraenses, é o segundo mais desmatado da Amazônia. (Foto: Inpe/Divulgação)

A 2ª pesquisa do projeto Conexões Sustentáveis

(iniciativa do Fórum Amazônia Sustentável e do Movimento Nossa São Paulo - O estudo de cadeias produtivas com coordenação geral de Leonardo Sakamoto - Repórter Brasil e Marques Casara - Papel Social Comunicação por solicitação do Comitê de Acompanhamento dos Pactos de Conexões Sustentáveis).



Leonardo Sakamoto



Marques Casara

Durante meses, jornalistas percorreram milhares de quilômetros para verificar os impactos sociais e ambientais causados pelo avanço da agropecuária e do extrativismo sobre a floresta. Foram identificados exemplos de empresas que mantiveram relações comerciais com proprietários e investidores rurais flagrados pelo poder público cometendo **crimes ambientais** ou valendo-se do **trabalho escravo e de outros crimes sociais**.

O estudo mostra que grandes empresas que atuam no município de **São Paulo** continuam presentes na **cadeia produtiva de crimes ambientais e sociais cometidos contra a Amazônia**.

O objetivo do estudo é **alertar empresas e consumidores** sobre a importância de adotar um novo comportamento que **não financie a exploração predatória dos recursos naturais, roube a dignidade de trabalhadores ou que cause danos às populações tradicionais**.

Em 2008, foi lançada a **1ª edição do estudo**. O objetivo foi identificar a relação de empresas de São Paulo com fornecedores que atuam na Amazônia de forma predatória.

Os resultados mostraram que atores que **produzem gado de corte, soja e madeira** estão diretamente envolvidos com o **desmatamento ilegal e o trabalho escravo** mantendo relações comerciais com quem abastece o dia-a-dia, gôndolas de supermercados e lojas de móveis.

Passados três anos, importantes mudanças aconteceram, mas o problema está longe de ter a solução que merece. Um fato importante foi o lançamento dos [pactos setoriais da pecuária bovina, da soja e da madeira](#). Eles representam um importante esforço de empresas que não querem ver seus nomes ou seus produtos associados à devastação de um dos mais importantes patrimônios naturais e sociais do planeta.

Atualmente, são mais de 70 empresas empenhadas em **monitorar suas cadeias produtivas e evitar a compra de produtos ligados a crimes contra a Amazônia**.

Sempre tendo como foco o município de São Paulo, **na edição 2011** a pesquisa relacionou também **os varejistas**. Matérias-primas obtidas de fornecedores ligados à devastação da floresta e de sua gente tornam-se produtos nas gôndolas de supermercados, lojas de móveis e ou mesmo na construção de nossas casas.

Afinal de contas, “**desenvolvimento sustentável**” não é apenas uma expressão bonita para ser utilizada em discursos de fim de ano, em campanhas de marketing ou para atrair consumidores. Tem a ver com escolhas que devem ser tomadas para decidir o futuro.

O conforto da população da maior metrópole da América do Sul não pode significar a produção de vítimas a milhares de quilômetros de distância. **Queremos para nós um progresso que exija sacrifícios dos outros?**

A intenção não é procurar culpados (até porque, em última instância, todos nós, consumidores, somos responsáveis), mas unir esforços para resolver o problema e monitorar a solução. Com a transparência que uma sociedade que vive na era de informação exige.

São Paulo continua como a mais importante financiadora da devastação da floresta amazônica por ser a principal consumidora de seus produtos.

**Conheça a 2ª pesquisa do Projeto Conexões Sustentáveis:
QUEM SE BENEFICIA COM A DESTRUIÇÃO DA AMAZÔNIA?**

assista vídeos, no link:

<http://reporterbrasil.org.br/conexoes/> disponível no site - www.outorga.com.br

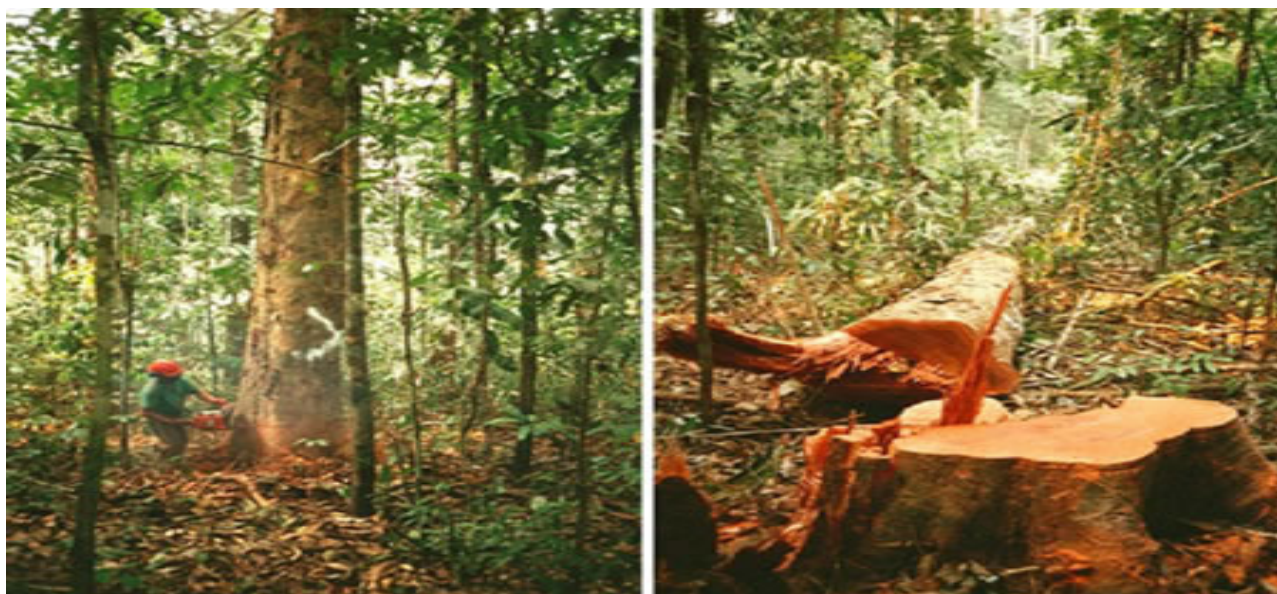
Baixe o arquivo: Conexões Sustentáveis – São Paulo - Amazônia

http://www.outorga.com.br/pdf/25_conexoes_sustentaveis.pdf



Cerca de 17% da Amazônia já foi desmatada nos últimos 20 anos

4 milhões de km², área equivalente aos territórios de Minas Gerais, Rio e Espírito Santo.



Em média, isso equivale a um campo de futebol destruído a cada 10 segundos.

QUEM MANDA NA DEVASTAÇÃO DA FLORESTA AMAZÔNICA?

Segundo a revista **Observatório Social**, políticos e empresários do Pará montaram um consórcio para abastecer a **indústria mundial do aço com carvão do desmatamento e do trabalho escravo**.

Fazem parte do consórcio funcionários da Secretaria de Estado do Meio Ambiente.

Os principais beneficiários do esquema são as **companhias siderúrgicas que operam no pólo de Carajás, dentre elas a Cosipar**, que em breve receberá um aporte de US\$ 5 bilhões de investidores russos.

Com o **carvão do desmatamento** fornecido pelo consórcio - e o **minério de ferro da Vale**, as siderúrgicas produzem **ferro-gusa**. Depois, vendem o produto para gigantes globais do setor de aço.

São as megas empresas de aço que financiam a devastação da floresta, pois compram 90% da produção de ferro-gusa.

São elas: Gerdau, TyssenKrupp, Kohler, WhirlpoolCorp, Nucor Corporation e National Material Trading Co.

A Vale também é responsabilizada, ao não cumprir acordo de 2008 com o Ministério do Meio Ambiente, de só vender minério de ferro para quem usasse carvão certificado.



Desmatamento Criminoso

Carvoaria - Açailândia, MA. Foto: Sérgio Vignes

Trabalho escravo

Além de prejudicar a floresta, o carvão ilegal do Pará também tem causado danos a trabalhadores. Na última lista empregadores que utilizaram mão de obra análoga à escravidão, publicada pelo Ministério do Trabalho, estão três carvoarias de Goianésia do Pará e Dom Eliseu (PA), ambos municípios fornecedores de carvão para siderúrgicas paraenses.

Na edição de **14/02/2011** do jornal **Valor Econômico**, o governador do Pará, **Simão Jatene**, disse o seguinte:

“Tenho relação boa com todo mundo que trata bem o Estado e tenho uma relação péssima com todo mundo que trata ou tenta tratá-lo mal... Não tenho problema com nenhuma empresa. Não pretendo ser empresário e espero que eles não pretendam ser governadores do Estado”.



Simão Jatene – Governador do Pará

Entrevista com Jatene à Record News – Construção Usina Hidrelétrica de Belo Monte:

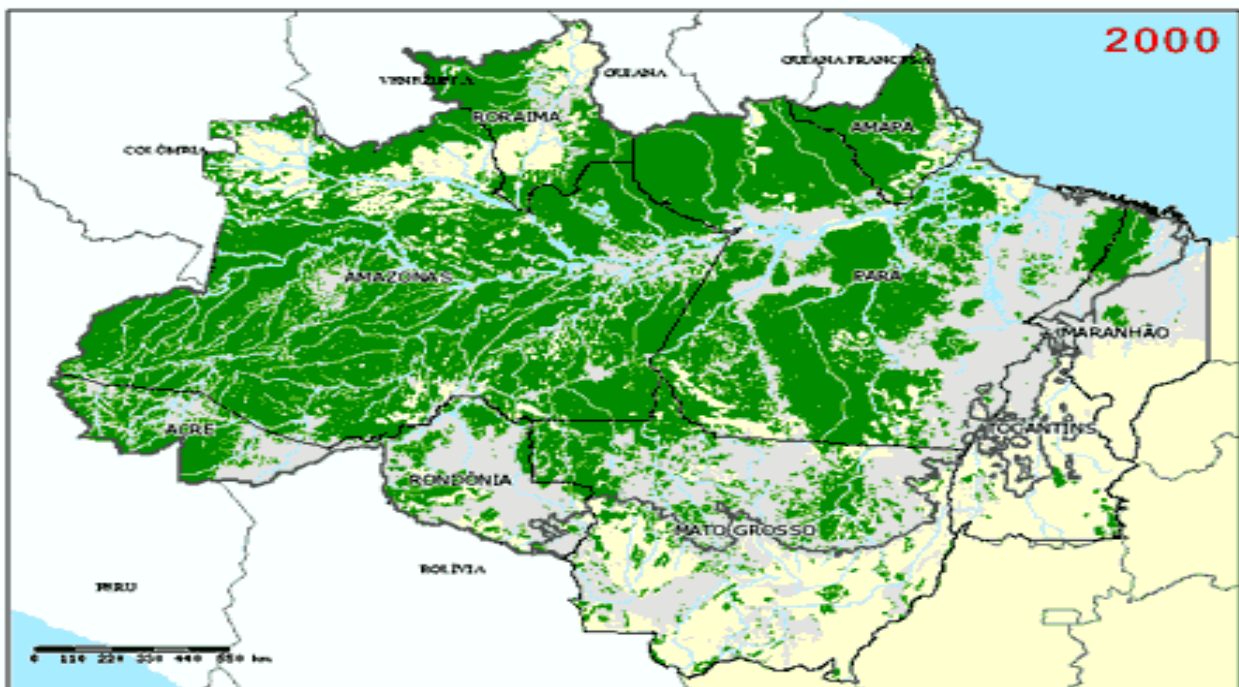
<http://www.souparaense.com/2011/02/o-governador-simao-jatene-concedeu-uma.html>

Quais serão os planos do governador do Pará para estancar a devastação da floresta Amazônica, financiada pela indústria global do aço?

Terá forças para afastar os corruptos e sanear o órgão ambiental?

Fonte: <http://marquescasara.blogspot.com/>

Desmatamento - 2000 à 2005



América do Sul

- Estados fora da Amazônia
- Países de fronteira
- Oceanos

Vegetação

- Floresta
- Vegetação não Florestal
- Água

- Desmatamento
- Estados
- Hidrografia principal

Desenvolvimento: É isso?

Essa é a lógica que os aventureiros capitalizados produzem na região!

Fonte: http://gazetarussa.com.br/articles/2010/12/20/mechel_compra_ativos_da_cosipar_12018.html



Negócio teria sido fechado por US\$ 250 mi / Foto: Reuters/Vostock-Photo

Gazeta Russa

Mechel compra ativos da Cosipar - 20/12/2010 Natalia Fedotova,

Com aquisição, empresário Igor Zuzin passa a controlar **75% das ações**. O restante será administrado por joint-venture entre as empresas.

Depois de alguns meses de negociações, **Igor Zuzin**, o principal acionista do **grupo russo de mineração e metalurgia Mechel**, adquiriu ativos da **companhia brasileira Cosipar**.

O empresário agora possui um **alto-forno da Cosipar** e **dois de sua filial Usipar**, todos no Estado do Pará. Somados à aquisição da siderúrgica inglesa Mir-steel, os novos ativos formarão um único empreendimento, do qual **75%** serão controlados por Zuzin e **25%** por uma joint-venture entre a Mechel e a Cosipar.

Segundo as previsões da Cosipar, a fábrica paraense iniciará a produção de **2 milhões de toneladas de aço por ano** e aumentará a produção de ferro-gusa para **3 milhões de toneladas até 2012**.

Ao longo dos anos, o consumo de carvão da mata fez da região de Carajás uma das mais desmatadas da região Norte. **O município de Marabá (PA)**, onde estão instaladas as guseiras paraenses, é o terceiro mais devastado da Amazônia. Dos seus **15.000 Km²**, **7,9 mil já foram derrubados**, segundo o **Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe)**. A área equivale a **cerca de cinco vezes o município de São Paulo**.

“Avaliando as estatísticas de produção, os ativos da Cosipar poderiam custar em torno de US\$ 1 bilhão, mas como a **companhia brasileira estava à beira da falência**, a Mechel pode ter recebido um **desconto considerável**”, disse o consultor Dmitri Kumanovski, da companhia de investimentos Lenmontajstroj. Segundo ele, “os ativos brasileiros podem ter custado a Zuzin cerca de **US\$ 250 milhões**”.

A Mechel está entre as maiores empresas da Rússia e lidera o mercado doméstico de coque (detém mais de **20%**), figurando entre os cinco maiores produtores do insumo no mundo. Terceira maior produtora de carvão na Rússia, a companhia destaca-se na extração de carvão vegetal, coque, ferro-gusa e aço. Para Igor Zuzin, dono de **60%** da Mechel, os ativos da Cosipar são um bilhete de entrada para o mercado metalúrgico brasileiro.

A ascendente economia do país deve enfrentar uma demanda de ferro e seus derivados para realização de grandes projetos de investimento.

Segundo dados da Cosipar, o mercado mundial também tende a crescer, e o Brasil pretende seguir os passos da China, onde o consumo subiu mais de 10% em 2010 com o programa governamental de estímulo à economia.

Como o consumo per capita de ferro na China ainda é 1,8 vezes menor que em países desenvolvidos, o Brasil torna-se um mercado potencial para a metalurgia russa.

Com a aquisição, a Mechel poderia ainda construir um terminal portuário no Estado do Pará, cujo governo já teria demonstrado interesse na empreitada.

A companhia russa receberia subsídios fiscais em troca das obras de infraestrutura.

“Levando coque, recurso deficitário no Brasil, de sua mina em Bluestone [nos EUA] para as fábricas da Cosipar pelo porto que seria construído, a Mechel poderia somar benefícios e conseguir um preço competitivo para seus produtos siderúrgicos, tanto no mercado brasileiro, como no norte-americano”, explica Kumanovski.

Além disso, o ferro-gusa brasileiro seria usado como matéria-prima da siderúrgica inglesa Mirsteel, formando uma cadeia unificada de produção da Mechel no exterior.

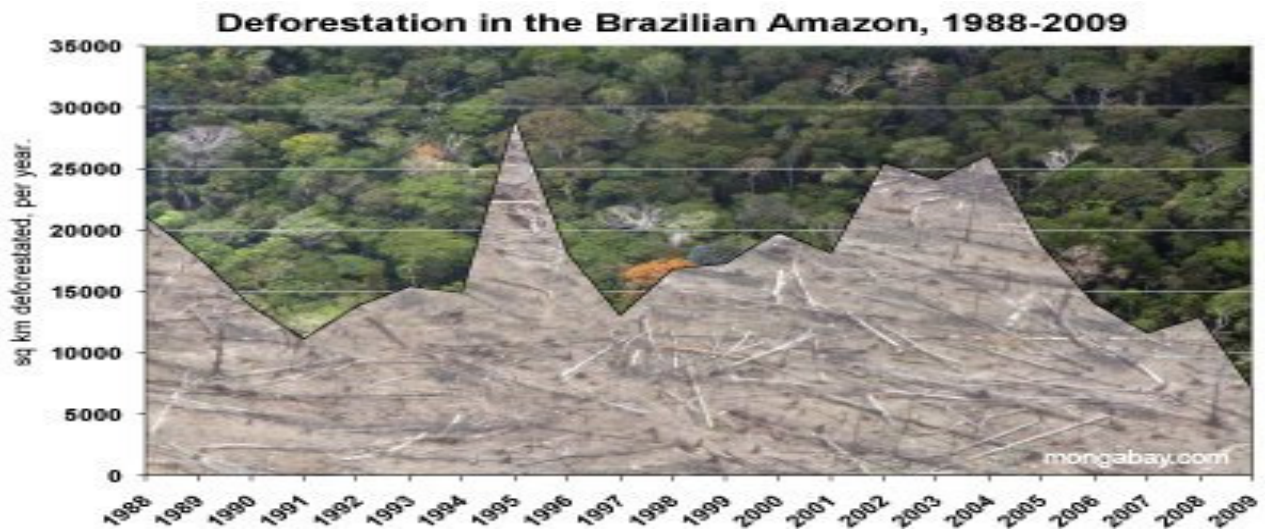
Segundo analistas, outras empresas do mercado metalúrgico brasileiro estariam na mira de investidores russos, como, por exemplo, a Cia. Siderúrgica de Tubarão e a MMX Miner, além de companhias de menor porte.



Evolução do [desmatamento](#) por estado

Estado	agosto de 2007 a maio de 2008	agosto de 2008 a maio de 2009	Varição (%)
Acre	17	24	+39
Amazonas	92	75	-19
Mato Grosso	2.001	357	-82
Pará	1.552	460	-70
Rondônia	383	79	-79
Roraima	66	77	+16
Tocantins	29	12	-58
Amapá	3	-	-
Total	4.143	1.072	-74

* Dados do Imazon. O Maranhão não foi monitorado.



Desmatamento da Amazônia Brasileira em Km²



Transporte da madeira - Fluvial e Rodoviário



Luiz Antonio Batista da Rocha

Engenheiro Civil – Consultor em Recursos Hídricos

Auditor Ambiental - rocha@outorga.com.br . www.outorga.com.br